

Fontes de crescimento das exportações brasileiras na década de 70*

MARIA HELENA T. T. HORTA **

O objetivo do trabalho é avaliar o desempenho comercial do Brasil na década de 70, com especial ênfase nos manufaturados, procurando separar a parcela do crescimento das exportações que seria explicada pela tendência de crescimento do comércio mundial daquela que seria explicada por ganhos (ou perdas) de participação nas exportações mundiais, ou seja, pelo desempenho comercial do Brasil com relação aos demais países. A conclusão principal do trabalho é a de que o excelente desempenho das exportações de manufaturados no período 1971/74, quando o Brasil mais do que dobra a sua participação no comércio mundial, foi devido basicamente a três fatores: a) evolução favorável dos preços dos produtos manufaturados exportados pelo Brasil; b) política cambial; e c) política de subsídios às exportações. A partir de 1974, as políticas cambial e de subsídios às exportações atuaram no sentido de neutralizar a evolução desfavorável dos preços dos produtos brasileiros no mercado internacional, permitindo que as exportações de manufaturados continuassem a crescer a taxas mais elevadas do que as observadas para o comércio mundial.

1 — Introdução

Este trabalho tem como objetivo principal analisar o desempenho comercial do Brasil na década de 70, procurando verificar em que medida as elevadas taxas de crescimento das exportações observadas

* Agradeço a Aloisio B. de Araujo, Claudio Considera, Eustáquio Reis, José Cláudio Ferreira da Silva, Michal Gartenkraut e a um leitor anônimo, pelas críticas e sugestões à versão preliminar do trabalho, e a José Augusto Pestana Maciel, Maria José de Araujo Nunes e Maura de Souza Scarano, pela boa vontade da colaboração na coleta dos dados e elaboração dos cálculos.

** Do Instituto de Pesquisas do IPEA.

no período estariam refletindo apenas uma tendência de crescimento do comércio mundial ou, em parte, poderiam ser explicadas por características específicas da economia brasileira associadas a medidas de política econômica — mais especificamente, às políticas cambial e de subsídios às exportações.

A Seção 2 apresenta uma análise, a nível bastante agregado, das principais alterações ocorridas ao longo do período, não apenas no que se refere à composição da pauta, mas também com relação ao destino das exportações brasileiras.

Na Seção 3, através de uma análise do tipo *constant-market-shares*, decomposemos a taxa de crescimento das exportações em fatores estruturais e num fator “competitividade”, determinado por resíduo. O crescimento das exportações é, assim, explicado pelo crescimento do comércio mundial, pela concentração favorável (ou desfavorável) das exportações em produtos e mercados de rápido (ou lento) crescimento e por um efeito “competitividade”, que resultaria em ganhos (ou perdas) de participação nos diferentes mercados por parte dos diversos produtos que compõem a pauta. No final da seção, são apresentados dados sobre a evolução da participação das exportações brasileiras nos mercados dos principais parceiros comerciais do País.

Na Seção 4 foram construídos índices de competitividade para os produtos manufaturados, tendo em vista avaliar a relação existente entre competitividade e desempenho das exportações.

A última seção, finalmente, apresenta um resumo dos principais resultados encontrados.

2 — Padrões de comércio no período recente

Nesta seção procura-se identificar as principais tendências observadas ao longo da década de 70 nos padrões de comércio do Brasil com o exterior, não apenas no que se refere à composição da pauta, como também ao destino das exportações.

A generalização do modelo de Heckscher-Ohlin [Krueger (1977) e Baldwin (1979)] para vários países nos diz que não haverá especialização completa no comércio internacional: um país deverá comerciar em ambas as direções, vendendo produtos mais intensivos em mão-de-obra para países com uma dotação relativa mais abundante do fator capital e produtos mais intensivos em capital para países com menor dotação relativa de capital. Uma versão dinâmica dessa teoria [Balassa (1979)] diz, ainda, que países em fase de acumulação acelerada tendem a obter vantagens comparativas na produção de bens mais intensivos em capital e trabalho especializado, perdendo competitividade, no entanto, para países de mais lento crescimento na produção de bens mais intensivos em mão-de-obra não-qualificada. Assim, as exportações dos países em fase de rápido crescimento deverão apresentar uma elevação no grau de intensidade de utilização dos fatores capital e mão-de-obra especializada, ainda que mantendo as características dos bens comerciados em ambas as direções.

Analisando a composição da pauta de exportações por áreas de comércio, observa-se um padrão de comportamento semelhante ao previsto pela teoria.

Como se pode ver pela Tabela 1, enquanto a pauta de exportações do Brasil, tanto para os Estados Unidos como para os principais mercados europeus,¹ em 1971, é altamente concentrada nos produtos primários (86,8 e 92,0%, respectivamente), o mesmo não se observa com relação aos principais mercados latino-americanos,² para os quais 51,2% das exportações já eram de produtos manufaturados. Mesmo dentro do conjunto dos manufaturados, pode-se observar que, para os principais mercados da América Latina, 65% de nossas exportações eram constituídos por produtos mais sofisticados tecnologicamente e/ou mais intensivos em capital, como máquinas, equipamentos e material de transporte e produtos de metal. Esta proporção para os Estados Unidos e principais mercados europeus era, respectivamente, de 33,5 e 31,3%.

¹ Alemanha, França, Itália, Holanda, Reino Unido, Bélgica/Luxemburgo e Espanha.

² Argentina, Chile, México, Paraguai e Uruguai.

TABELA I

Evolução da estrutura da pauta de exportações brasileira

(Em %)

	Total Brasil				Principais parceiros europeus				Estados Unidos				Principais parceiros latino-americanos			
	1971	1974	1978	1980	1971	1974	1978	1980	1971	1974	1978	1980	1971	1974	1978	1980
1 — <i>Produtos primários</i>	84,0	74,6	65,4	61,1	02,0	87,5	79,5	73,3	86,8	70,9	63,4	64,2	48,8	39,9	24,3	18,2
1.1 — Alimentos, bebidas e fumo	58,3	43,8	47,7	42,1	56,8	39,8	52,5	47,9	77,2	58,2	53,3	56,0	24,3	27,5	15,5	11,8
1.2 — Matérias-primas (exclusive combustíveis)	22,9	22,8	13,6	15,4	31,7	43,6	24,8	23,1	7,6	8,4	6,6	6,7	23,9	11,5	8,6	6,0
1.2.1 — Minérios	10,4	8,3	8,9	8,9	18,6	13,9	15,8	15,7	4,5	6,2	4,3	3,7	5,1	3,1	4,8	2,4
1.2.2 — Outras matérias-primas	12,5	14,4	4,7	6,5	13,1	29,7	9,0	7,4	3,0	2,2	2,2	3,0	18,8	8,4	3,8	3,6
1.3 — Gorduras e óleos	2,8	3,0	4,1	3,6	3,7	4,1	2,4	2,3	2,0	4,3	1,5	1,5	0,6	0,9	1,1	0,4
2 — <i>Produtos manufaturados</i>	16,0	25,4	34,6	38,9	8,0	12,5	20,2	21,7	13,2	29,1	36,6	35,8	51,2	60,1	75,7	81,8
2.1 — Produtos químicos	1,8	2,9	2,1	3,5	1,2	1,9	1,3	1,7	1,7	3,4	1,3	3,4	2,7	6,7	6,6	7,1
2.2 — Máquinas, equipamentos e material de transporte	4,8	8,4	15,7	17,4	2,1	1,8	6,8	6,3	1,4	8,9	13,2	11,0	22,0	28,8	43,5	46,5
2.3 — Produtos de metal	2,2	2,9	5,0	6,1	0,4	0,9	2,1	3,4	1,7	3,1	7,0	7,8	11,3	10,3	7,1	10,4
2.4 — Manufaturados têxteis	1,7	4,0	3,4	3,4	0,4	3,8	3,5	4,5	2,0	2,9	2,3	2,3	3,8	5,3	4,3	3,1
2.5 — Calçados	1,1	1,6	2,3	2,0	—	0,4	1,2	1,2	3,1	5,5	6,6	6,8	0,1	0,4	0,2	0,5
2.6 — Outros manufaturados	4,4	5,8	6,1	6,5	3,9	3,7	5,3	4,6	3,3	5,3	6,2	4,5	11,3	8,6	14,0	14,2

FONTE: *Annual Trade Book* (OECD); *Commodity Trade Statistics* (ONU); e *Comércio Exterior do Brasil* (CACEX).

A evolução da composição da pauta no período 1971/80 também se dá no sentido previsto pela teoria, com uma crescente participação dos manufaturados: de 16% em 1971 para 38,9% em 1980. Destaque-se que, dentre os manufaturados, máquinas, equipamentos e material de transporte e produtos de metal são as únicas categorias que têm a sua participação aumentada de 44% do total de manufaturados em 1971 para 60% em 1980.

Este movimento, no sentido de uma maior participação das exportações de manufaturados, é confirmado mesmo desagregando-se regionalmente a análise: entre 1971 e 1980, a participação de manufaturados nas exportações para os Estados Unidos e os países europeus praticamente triplica; para os principais mercados latino-americanos, apesar da alta participação das exportações de manufaturados já observada em 1971, ela também se eleva, alcançando 81,8% em 1980.

A nível de categorias de produtos verificam-se, nos três mercados considerados, expressivos ganhos de participação para máquinas, equipamentos e material de transporte. Aumentos significativos de participação são observados para produtos de metal, tanto para os Estados Unidos como para o mercado europeu, sendo que para esse último também ganham participação os manufaturados têxteis entre 1971 e 1974.

Com relação a mercados, observa-se ao longo do período uma certa desconcentração de nossas exportações: enquanto em 1971 os Estados Unidos e os principais mercados europeus e latino-americanos absorviam aproximadamente 80% das exportações totais (excetuando combustíveis), essa proporção cai para cerca de 65% em 1980. No entanto, duas fases inteiramente distintas podem ser identificadas. A primeira delas, entre 1971 e 1974, é quando a participação desses países nas exportações totais reduz-se de cerca de 80 para 66%. Na segunda fase, que vai de 1974 até 1980, a participação conjunta desses países permanece razoavelmente estável.

Desagregando essa informação por produtos primários e manufaturados, observa-se a mesma tendência identificada para o agregado: de fato, a maior perda de participação desses países nas nossas exportações ocorre entre 1971 e 1974. No entanto, enquanto a participação desses países nas exportações brasileiras de produtos

primários reduz-se ainda mais entre 1974 e 1980, para os manufaturados mantém-se estável entre 1974 e 1978 e cresce entre 1978 e 1980.

Dividindo segundo áreas de comércio, verifica-se que a maior perda de participação nas exportações de produtos primários entre 1971 e 1974 dá-se para os Estados Unidos, embora tanto os países europeus como os latino-americanos também percam participação. Já para os manufaturados, apenas a participação dos países latino-americanos reduz-se acentuadamente (de 33,8 para 18,9%), observando-se, inclusive, uma elevação na participação americana.

Dentre os manufaturados, observam-se algumas alterações interessantes nos fluxos de comércio ao longo de todo o período. Entre 1971 e 1974, verifica-se uma acentuada elevação na participação norte-americana nas exportações de máquinas, equipamentos e material de transporte e na participação dos países europeus nas exportações de alguns produtos tradicionais como têxteis e calçados. Já entre 1974 e 1978, dobra a participação dos países europeus nas exportações de máquinas e equipamentos e aumenta significativamente a participação americana nas exportações de produtos de metal. Entre 1971 e 1978, em contrapartida, cai significativamente a participação dos países latino-americanos nas exportações desses produtos, sendo a redução mais acentuada a dos produtos de metal (de 53,6% em 1971 para 11,7% em 1978). Finalmente, entre 1978 e 1980, aumenta novamente a participação dos países latino-americanos nas exportações de manufaturados, paralelamente a uma redução na participação americana.

Resumindo os principais resultados desta seção, pode-se afirmar que ao longo da década de 70 verificaram-se tanto uma diversificação de produtos como uma desconcentração de mercados de nossa pauta de exportações. No entanto, enquanto a diversificação da pauta é um fenômeno que pode ser constatado ao longo de todo o período, a redução na participação de mercados tradicionais, como os dos países considerados nas nossas exportações totais, ocorre apenas entre 1971 e 1974.

O movimento de diversificação da pauta, ao longo de todo o período, deu-se no sentido previsto pela teoria, aumentando a participação das exportações de manufaturados nas nossas exportações

TABELA 2

Distribuição das exportações brasileiras por áreas de comércio

	Principais parceiros europeus					Estados Unidos					Principais parceiros latino-americanos					Resto do mundo			
	1971	1974	1978	1980	1980	1971	1974	1978	1980	1980	1971	1974	1978	1980	1980	1971	1974	1978	1980
1 - Produtos primários	45,7	42,3	39,7	39,1	27,7	20,3	23,5	20,9	20,9	6,1	4,3	3,0	4,0	4,0	20,5	22,1	33,8	33,8	36,0
1.1 - Alimentos, bebidas e fumo	40,5	29,8	35,8	34,7	35,6	26,2	28,1	26,4	26,4	4,4	4,5	2,5	3,7	3,7	19,5	39,5	33,6	35,2	35,2
1.2 - Matérias-primas (exclusive combustíveis)	57,9	69,9	59,4	55,9	8,9	8,1	11,7	8,7	11,0	4,1	5,2	5,1	22,2	17,9	42,5	30,3	30,3	30,3	30,3
1.2.1 - Minérios	74,7	74,0	57,7	54,2	11,8	16,3	11,8	8,4	5,2	3,1	4,4	3,6	8,3	6,6	26,1	33,8	33,8	33,8	33,8
1.2.2 - Outras matérias-primas	43,8	67,5	62,6	58,1	6,5	3,7	11,6	9,1	15,9	4,6	6,7	7,3	33,8	24,5	19,1	25,5	25,5	25,5	25,5
1.3 - Gorduras e óleos	54,5	49,9	19,2	19,3	18,8	30,7	9,0	8,2	2,1	2,3	2,2	1,6	24,6	17,1	69,6	70,9	70,9	70,9	70,9
2 - Produtos manufaturados	20,8	18,0	18,9	17,9	22,1	23,2	25,7	19,3	23,3	18,9	18,0	23,0	23,3	23,3	37,9	37,4	37,4	37,4	37,4
2.1 - Produtos químicos	27,8	23,4	19,9	14,9	24,4	25,8	15,3	10,9	15,7	18,5	25,5	27,3	32,1	32,3	39,3	37,9	37,9	37,9	37,9
2.2 - Máquinas, equipamentos e material de transporte	17,8	7,8	14,0	11,1	7,9	23,3	20,3	12,6	48,9	27,4	22,7	35,6	25,4	41,5	43,0	40,7	40,7	40,7	40,7
2.3 - Produtos de metal	7,5	11,4	13,7	17,1	20,5	23,3	34,3	25,3	53,6	28,5	11,7	22,6	18,4	36,9	40,3	35,0	35,0	35,0	35,0
2.4 - Manufaturados têxteis	10,2	34,8	33,2	40,6	30,5	15,6	16,3	13,3	23,2	10,7	10,4	12,1	36,1	38,9	40,1	34,0	34,0	34,0	34,0
2.5 - Calçados	0,9	8,6	17,9	18,4	80,7	77,3	70,3	67,9	0,5	2,0	0,6	3,3	17,9	12,1	11,2	10,4	10,4	10,4	10,4
2.6 - Outros manufaturados	37,2	24,3	28,3	30,6	20,2	21,0	24,7	19,4	19,8	12,3	18,8	28,9	22,8	42,4	28,3	21,1	21,1	21,1	21,1
Total	41,7	36,5	32,5	31,1	26,8	21,9	24,3	20,3	10,6	8,0	8,2	13,3	20,9	33,6	35,0	35,3	35,3	35,3	35,3

FONTES: As mesmas da Tabela 1.

totais de 16% em 1971 para 38,9% em 1980. Ainda dentre os manufaturados, foram os produtos mais sofisticados tecnologicamente e/ou mais intensivos em capital que apresentaram os maiores ganhos de participação.

3 — Desempenho comercial do Brasil

3.1 — Fatores determinantes das exportações

Simplificando, pode-se dizer que as principais variáveis que determinam o *quantum* exportado por um país são: pelo lado da oferta, a relação entre o preço das exportações e o preço da venda para o mercado doméstico e o nível de utilização da capacidade; e, pelo lado da demanda, o nível da renda mundial e o preço das exportações do país com relação ao preço dos produtos exportados por seus principais competidores.

Uma distinção, no entanto, deve ser feita entre os estudos que procuram explicar o nível das exportações de um país e aqueles cujo objetivo é avaliar o desempenho das exportações de um país com relação aos demais. No segundo caso, a evolução do nível de renda mundial seria uma variável explicativa pouco relevante, na medida em que deve afetar de forma mais ou menos semelhante a todos os países com pequena participação no comércio internacional. Assim sendo, os fatores relevantes para explicar o desempenho comercial relativo do país seriam: a) a composição de sua pauta de exportação e a direção de seu comércio — quanto maior o crescimento da procura dos produtos que compõem a sua pauta e quanto maior o crescimento da demanda nos países para os quais exporta, maior será o crescimento de suas exportações com relação ao crescimento do total comercializado mundialmente; b) o nível de utilização da capacidade instalada da economia — que deverá determinar limites ao crescimento das exportações pelo lado da oferta; e c) a

evolução de sua “competitividade” — que, se favorável, deverá permitir uma maior penetração dos produtos de exportação do país no mercado internacional.

O objetivo desta seção é avaliar o desempenho das exportações brasileiras no período recente, procurando separar a parcela do crescimento que seria explicada pelo crescimento do comércio mundial daquela que seria explicada por ganhos (ou perdas) de participação no total comercializado mundialmente, ou seja, pelo desempenho comercial do Brasil com relação aos demais países.

3.2 — Decomposição da taxa de crescimento das exportações

Em estudos sobre crescimento e desempenho das exportações, análises do tipo *constant-market-shares* são freqüentemente utilizadas. Esta técnica, ainda que apresente alguns problemas de natureza metodológica e de interpretação [ver Richardson (1971)], permite decompor a taxa de crescimento das exportações (g_b) em quatro componentes e avaliar a contribuição de cada um desses fatores para explicar o crescimento das exportações no período considerado:

$$g_b \equiv g_w + \underbrace{[\sum_i (1 + g_w^i) \alpha_i - (1 + g_w)]}_{(2)} + \underbrace{[\sum_j \sum_i (1 + g_w^{ij}) \alpha_{ij} - \sum_i (1 + g_w^i) \alpha_i]}_{(3)} + \underbrace{[(1 + g_b) - \sum_j \sum_i (1 + g_w^{ij}) \alpha_{ij}]}_{(4)}$$

sendo:

g_b = taxa de crescimento das exportações brasileiras;

g_w = taxa de crescimento das exportações mundiais;

g_w^i = taxa de crescimento das exportações mundiais do produto i ;

g_w^{ij} = taxa de crescimento das exportações mundiais do produto i para o país j ;

α_i = participação do produto i no valor total das exportações brasileiras no período-base; e

α_{ij} = participação das exportações do produto i para o país j no valor total das exportações brasileiras no período-base.

Pela identidade acima, o crescimento das exportações pode ser explicado: a) por um efeito crescimento do comércio mundial, que seria a taxa observada se as exportações do País tivessem crescido à mesma taxa do comércio mundial; b) por um efeito composição da pauta, que permite identificar os ganhos (ou perdas), em termos da taxa de crescimento, devidos à concentração da pauta em produtos que apresentaram taxas de crescimento mais elevadas (ou menores) que a média de todos os produtos; e c) por um efeito destino das exportações, que representa os ganhos (ou perdas), em termos da taxa de crescimento, devidos ao fato de o País exportar para mercados que cresceram a taxas superiores (ou inferiores) à média observada para todos os países. Esses três primeiros efeitos pressupõem participações constantes de todos os produtos exportados nos diferentes mercados. Um quarto e último efeito seria dado pela contribuição, em termos da taxa de crescimento, dos ganhos (ou perdas) de participação dos diversos produtos que compõem a pauta nos diferentes mercados, devido a ganhos (ou perdas) de competitividade, seja em termos de preços e/ou custos, seja em virtude de melhorias na qualidade dos produtos e/ou nas condições de financiamento.

3.3 — Descrição dos dados e apresentação dos resultados

Devido à ausência de informações mais detalhadas sobre o comércio mundial nos anos mais recentes, o período de análise compreende apenas os anos de 1971 a 1978, tendo sido os cálculos efetuados também para os subperíodos 1971/74 e 1974/78.

Os mercados considerados foram os 15 países maiores importadores do Brasil em 1979, para os quais foi possível obter informações para os três anos estudados,³ e um mercado denominado resto do mundo, que engloba todos os demais países.

³ Os 15 países selecionados foram: Estados Unidos, Alemanha Ocidental, França, Itália, Holanda, Reino Unido, Bélgica/Luxemburgo, Espanha, Japão, Argentina, Chile, México, Iraque, Polônia e União Soviética.

No que se refere a produtos, o nível de desagregação utilizado corresponde à Standard International Trade Classification (SITC) a dois e três dígitos, e foi determinado a partir da disponibilidade dos dados desagregados para as exportações mundiais e pela importância dos produtos na pauta de exportações. Foram identificados nove grupos de produtos: alimentos, bebidas e fumo; minérios; outras matérias-primas (exclusive combustíveis); gorduras e óleos vegetais e animais; produtos químicos; máquinas, equipamentos e material de transporte; produtos de metal; produtos têxteis; e outros produtos manufaturados, que correspondem, na SITC, aos demais manufaturados classificados por matérias-primas não considerados individualmente e ao item diversos. Os cálculos foram efetuados para o total da pauta e considerando apenas os produtos manufaturados.

Como se pode ver pela Tabela 3 para o período como um todo, a taxa anual média de crescimento das exportações brasileiras foi mais elevada do que a taxa de crescimento das exportações mundiais, tanto no que diz respeito às exportações de produtos primários como de manufaturados. No entanto, quando se consideram separadamente os subperíodos 1971/74 e 1974/78, observa-se que, para o conjunto, as exportações brasileiras crescem em média a taxas mais elevadas do que as exportações mundiais apenas no subperíodo 1971/74. No subperíodo 1974/78, crescem em média à mesma taxa das exportações mundiais, apesar de a taxa de crescimento das exportações de manufaturados ter-se mantido mais elevada do que a das exportações mundiais.

O padrão de crescimento das exportações brasileiras *vis-à-vis* as exportações mundiais reflete-se nos resultados da Tabela 4 — que apresenta a decomposição em termos percentuais dos quatro efeitos considerados anteriormente.⁴ Para o período como um todo, 71,4% da taxa de crescimento podem ser explicados pelo efeito crescimento do comércio mundial. A contribuição do efeito competitividade foi de 39,1%, o que equivale a dizer que, mantida constante a parti-

⁴ A exclusão de combustíveis e lubrificantes para efeito da nossa análise deve-se à tentativa de eliminar os efeitos diretos sobre o comércio internacional da quadruplicação dos preços do petróleo ocorrida em 1974.

TABELA 3

Taxas anuais médias de crescimento das exportações mundiais e brasileiras no período 1971/78

(Em %)

Produtos	Anos					
	1971/78		1971/74		1974/78	
	Brasil	Mundo	Brasil	Mundo	Brasil	Mundo
Primários (exclusive combustíveis)	19,3	17,2	34,8	29,3	8,9	8,9
Manufaturados	38,1	20,0	63,5	28,7	21,6	13,8
Total (exclusive combustíveis)	23,6	19,3	40,2	28,9	12,6	12,6

FONTES: *Yearbook of International Trade Statistics* (ONU); e *Comércio Exterior do Brasil* (CACEX).

cipação de nossos produtos em todos os mercados, a taxa de crescimento das exportações teria sido cerca de 40% inferior à observada.

Por fim, pode-se constatar uma contribuição negativa ao crescimento, tanto do efeito composição da pauta como do efeito destino das exportações, embora este último seja desprezível. Com relação ao efeito composição da pauta, podemos dizer que o fato de a pauta estar mais concentrada em produtos de lento crescimento, em 1971, resultou numa taxa de crescimento, no período, 9,0% mais baixa do que a que teria ocorrido na ausência desse fato.

Quando são considerados os subperíodos 1971/74 e 1974/78, uma nítida diferença de comportamento pode ser observada. Em primeiro lugar, enquanto no primeiro período a taxa média anual de crescimento de nossas exportações foi de 40,2%, no segundo ela reduz-se para 12,6%. Em segundo lugar, entre 1971 e 1974 a taxa média anual de crescimento de nossas exportações foi 40% mais elevada do que a taxa de crescimento do comércio mundial, enquanto entre 1974 e 1978 essas taxas são praticamente idênticas. Por fim, o efeito competitividade explica 48,9% do crescimento de nossas exportações

TABELA 4

*Fontes de crescimento das exportações brasileiras totais,
exclusive combustíveis, no período 1971/78*

(Em % da taxa de crescimento das exportações)

	Períodos		
	1971/78	1971/74	1974/78
Efeito crescimento do comércio mundial	71,4	64,8	100,9
Efeito composição da pauta	-9,0	-0,1	-20,0
Efeito destino das exportações	-1,5	-13,6	1,0
Efeito competitividade	39,1	48,9	18,1

FONTE: Elaboração: IPEA.

no primeiro subperíodo com relação a apenas 18,1% no segundo. Em ambos os períodos, os efeitos composição da pauta e destino das exportações deram uma contribuição negativa ao crescimento das exportações, embora a contribuição negativa relevante, entre 1971 e 1974, seja a do efeito destino das exportações e, entre 1974 e 1978, a do efeito composição da pauta.

Como ao longo do período 1971/78 ocorre uma alteração substancial na composição da pauta de exportações, tendo a participação dos manufaturados no total da pauta (exclusive combustíveis) se elevado de 16,0% em 1971 para 34,6% em 1978, é interessante apresentar os resultados obtidos para a decomposição da taxa de crescimento das exportações de manufaturados.

Como se pode ver pela Tabela 5, 73,8% do crescimento das exportações de manufaturados entre 1971 e 1978 são explicados pelo efeito competitividade e apenas 30,2% pelo efeito crescimento do comércio mundial, sendo negativa, embora bastante reduzida, a contribuição dos efeitos composição da pauta e destino das exportações.

Quando são considerados os dois subperíodos separadamente, observa-se a mesma tendência verificada para as exportações totais:

TABELA 5

*Fontes de crescimento das exportações de manufaturados
no período 1971/78*

(Em % da taxa de crescimento das exportações de manufaturados)

	Períodos		
	1971/78	1971/74	1974/78
Efeito crescimento do comércio mundial	30,2	33,7	57,2
Efeito composição da pauta	-0,1	+0,2	-0,1
Efeito destino das exportações	-3,9	-4,5	+0,2
Efeito competitividade	73,8	70,6	42,7

FONTES: Elaboração: IPEA.

o efeito competitividade explica uma parcela muito maior do crescimento das exportações de manufaturados entre 1971 e 1974 (70,6%) do que entre 1974 e 1978 (42,7%), embora a taxa de crescimento do comércio mundial de manufaturados no primeiro período tenha sido aproximadamente duas vezes maior que a observada no segundo período (média anual de 28,7 e 13,8%, respectivamente).

Assim, pode-se dizer que o crescimento acelerado do comércio mundial de manufaturados entre 1971 e 1974 — aliado aos expressivos ganhos de mercado obtidos — permitiu um crescimento médio anual de nossas exportações de manufaturados da ordem de 63,5%, com relação a uma taxa média anual no período 1974/78 de apenas 21,6%, que reflete não apenas um menor crescimento do comércio mundial de manufaturados, como também uma queda no ritmo de penetração de nossos manufaturados no mercado mundial.

Pode-se argumentar que foi a participação extremamente reduzida do Brasil no comércio mundial de manufaturados nos anos iniciais do período que permitiu esses ganhos substanciais de mercado, os quais não poderiam continuar indefinidamente, a menos que se deixasse de ser exportador marginal. No entanto, como se verá a seguir, a participação brasileira nos mercados dos principais par-

ceiros industrializados em 1974 era ainda reduzida, sugerindo que a evolução da competitividade dos produtos manufaturados exportáveis tenha tido um efeito importante sobre o desempenho das exportações no período.

3.4 — Evolução da participação das exportações brasileiras no comércio mundial

Os dados referentes à participação das exportações brasileiras nas exportações mundiais indicam que o Brasil aumentou a sua participação no comércio mundial de forma mais ou menos persistente entre 1971 e 1977: de 0,922% em 1971 para 1,319% em 1977. Em 1978 e 1979, essa participação reduz-se com relação a 1977, sendo em 1979 praticamente igual à observada em 1974.

Desagregando esta informação para alimentos, bebidas e fumo, matérias-primas (exclusive combustíveis) e manufaturados, observa-se que esses agregados não têm um comportamento uniforme ao longo do tempo. Como seria de se esperar pelos resultados anteriores, os ganhos mais expressivos de participação são observados por parte dos manufaturados entre 1971 e 1974, quando o Brasil mais do que dobra a sua participação nas exportações mundiais, que se eleva de 0,197% em 1971 para 0,404% em 1974. Entre 1974 e 1978, a sua participação no comércio mundial de manufaturados é também crescente; os ganhos de participação, porém, são substancialmente inferiores aos observados nos anos anteriores.

Com relação à evolução da participação das exportações brasileiras nas exportações mundiais de matérias-primas, verifica-se uma tendência algo semelhante à observada no caso de manufaturados, com a diferença de que todos os ganhos obtidos nos anos iniciais perdem-se ao longo dos três últimos anos: entre 1971 e 1975, as exportações brasileiras de matérias-primas, como proporção das exportações mundiais, elevam-se de 2,069 para 3,467% — ou seja, um aumento de mais de 50% —, caindo entretanto em 1978 para 1,967%.

Finalmente, para o item alimentos, bebidas e fumo, a evolução da participação brasileira no comércio mundial não apresenta um padrão claro, sendo as alterações observadas bastante inexpressivas.

TABELA 6

Participação das exportações brasileiras no comércio mundial

(Em %)

Anos	Alimentos, bebidas e fumo	Matérias- primas (exclusive combustíveis)	Produtos manufaturados	Total (exclusive combustíveis)
1971	3,609	2,069	0,197	0,922
1972	4,131	2,198	0,280	1,065
1973	4,011	2,682	0,337	1,203
1974	3,953	2,625	0,404	1,178
1975	3,554	3,467	0,414	1,204
1976	4,350	3,015	0,401	1,250
1977	4,935	2,597	0,458	1,319
1978	4,056	1,967	0,526	1,159
1979	3,636	1,939	0,595	1,179

FONTE: Yearbook of International Trade Statistics (ONU).

Este resultado não chega a ser surpreendente se considerarmos que as exportações brasileiras já representam algo em torno de 4 a 5% das exportações mundiais desse item, demonstrando que o Brasil dificilmente pode ser considerado um exportador marginal.

A análise desses dados nos permite afirmar que, entre 1971 e 1974, o excelente desempenho das exportações brasileiras deveu-se, basicamente, tanto aos expressivos ganhos de mercado dos produtos manufaturados, como aos ganhos de mercado, ainda que menores, das matérias-primas. O mesmo não se verifica com igual intensidade no subperíodo 1974/78, quando os ganhos de mercado dos produtos manufaturados, ainda que menos expressivos, teriam sido em parte contrabalançados pelas perdas de mercado das matérias-primas.

A Tabela 7 apresenta a evolução da participação das exportações de manufaturados segundo principais mercados.

Resumidamente, pode-se dizer que, para o período como um todo, os ganhos de mercado mais expressivos são observados para máquinas, equipamentos e material de transporte e produtos de metal,

TABELA 7

Participação das exportações de manufaturados brasileiros no mercado de nossos principais parceiros e no comércio mundial

(Em %)

Países		Produtos químicos	Máquinas e equipamentos	Produtos de metal	Outros manufaturados	Total manufaturados
Estados Unidos	1971	0,770	0,076	0,248	0,644	0,325
	1974	1,448	0,611	0,452	1,434	0,875
	1978	0,544	0,801	1,254	1,326	1,021
Parceiros europeus	1971	0,154	0,084	0,039	0,208	0,126
	1974	0,216	0,094	0,085	0,442	0,222
	1978	0,139	0,261	0,227	0,436	0,299
Argentina	1971	1,074	5,826	5,956	8,645	5,348
	1974	2,750	7,339	4,157	6,970	4,993
	1978	4,277	6,310	5,889	6,937	5,919
Chile	1971	0,899	2,089	3,111	2,956	2,134
	1974	1,043	5,780	3,481	7,657	4,521
	1978	3,622	13,451	4,960	11,203	10,828
México	1971	0,648	1,000	0,741	1,364	0,977
	1974	1,036	2,662	0,695	1,652	1,953
	1978	1,242	3,389	0,675	3,988	2,608
Mundo	1971	0,210	0,128	0,176	0,319	0,197
	1974	0,347	0,315	0,261	0,670	0,404
	1978	0,271	0,511	0,545	0,651	0,526

FONTES: *Annual Trade Book* (OECD); *Yearbook of International Trade Statistics* (ONU); e *Comércio Exterior do Brasil* (CADEX).

os quais, entre 1971 e 1978, tiveram sua participação no comércio mundial multiplicada por aproximadamente quatro e três vezes, respectivamente. No mercado americano, a forte penetração das exportações brasileiras de máquinas, equipamentos e material de transporte verifica-se entre 1971 e 1974, enquanto para produtos de metal o mesmo ocorre somente entre 1974 e 1978. No mercado europeu, no entanto, a grande penetração de produtos brasileiros classificados nesses dois itens verifica-se basicamente entre 1974 e 1978. Nos países latino-americanos, a fatia de mercado de produtos de metal mantém-se relativamente estável no longo de todo o período, enquanto ganhos bastante expressivos para máquinas e equipamentos são observados em ambos os períodos tanto no Chile como no México.

Com relação aos produtos classificados como outros manufaturados, que incluem basicamente os produtos chamados usualmente de

tradicionais,⁵ a participação brasileira no comércio mundial dobra entre 1971 e 1978. Note-se, porém, que os ganhos de mercado, tanto no mercado americano como no europeu, são observados apenas entre 1971 e 1974, enquanto que entre 1974 e 1978 a participação em ambos os mercados mantém-se estável. Nos países latino-americanos a participação do Brasil cresce em ambos os períodos.

Com relação aos produtos químicos, a nossa participação no comércio mundial em 1978 era pouco superior à observada em 1971. Tanto no mercado americano como no europeu, os ganhos de participação entre 1971 e 1974 são mais do que compensados pelas perdas observadas entre 1974 e 1978, enquanto nos países latino-americanos o Brasil aumenta a sua participação nos dois períodos.

Por fim, vale salientar a já expressiva participação das exportações de produtos brasileiros tanto no mercado argentino como no chileno e, ainda que em menor escala, já não marginal, no mercado mexicano, sugerindo que dificilmente as nossas exportações para esses países poderiam continuar crescendo a taxas muito mais elevadas do que as taxas de crescimento do total das importações desses países. A situação inversa é observada no mercado europeu, no qual a participação brasileira em 1978 é ainda totalmente negligenciável, inclusive inferior (com exceção de máquinas e equipamentos) à observada em 1971 no mercado americano, onde apenas em 1978 alcança 1%.

Para 1980, esses dados são disponíveis apenas para os Estados Unidos e os países europeus. Quando se compara a Tabela 8 com a Tabela 7, verifica-se que a participação das exportações brasileiras nos mercados americano e europeu mantém-se relativamente estável.

A nível mais desagregado, apenas os produtos químicos ganham participação, embora, em ambos os casos, os ganhos observados tenham sido insuficientes para recuperar a posição de 1974.

Na próxima seção, procura-se analisar a evolução da "competitividade" das exportações brasileiras de manufaturados e verificar em que medida é possível identificar alguma relação entre evolução da "competitividade" e desempenho comercial.

⁵ Os itens mais importantes desse agregado são os manufaturados têxteis e os calçados.

TABELA 8

Participação das exportações brasileiras de manufaturados nos mercados americano e europeu em 1980

(Em %)

Produtos	Estados Unidos	Parceiros europeus
<i>Total</i>	<i>1,052</i>	<i>0,319</i>
Produtos químicos	1,013	0,179
Máquinas, equipamentos e material de transporte	0,670	0,247
Produtos de metal	1,516	0,334
Outros manufaturados	1,339	0,451

FONTES: *Commodity Trade Statistics—1980* (ONU); e *Comércio Exterior do Brasil—1980* (CACEX).

4 — Evolução da competitividade das exportações de manufaturados

4.1 — Medidas de competitividade

Existem diversos fatores que afetam a competitividade das exportações de um país, tais como a taxa doméstica de inflação, a taxa de inflação no resto do mundo, as variações da produtividade e as mudanças na taxa de câmbio. É possível desenvolver uma série de medidas de preços e custos relativos tendo em vista analisar a evolução da competitividade das exportações, cada uma delas possuindo vantagens e desvantagens. A escolha da medida mais adequada vai depender, basicamente, da natureza dos mercados dos produtos exportados pelo país e da participação do país estudado no comércio internacional.

Sob a ótica da demanda, a variável preço relativo relevante para avaliar a competitividade das exportações seria a razão entre o preço das exportações do país e uma média ponderada dos preços de seus principais competidores. Já sob a ótica da oferta, medidas de rentabilidade e custos relativos seriam mais adequadas para captar alterações na competitividade das exportações.

Se o país é um tomador de preços no mercado internacional e, portanto, a procura de suas exportações é infinitamente elástica ao preço vigente no mercado internacional, pode-se esperar que a relação entre o preço de suas exportações e o de seus principais competidores seja mais ou menos constante ao longo do tempo,⁶ de tal forma que uma medida desse tipo dificilmente terá alguma utilidade para avaliar o desempenho comercial do país. A título de exemplo, após uma desvalorização da taxa de câmbio, a posição relativa de um país que é um exportador marginal avaliada por um índice de competitividade desse tipo não se modifica, na medida em que os preços em moeda estrangeira não se alteram. No entanto, a desvalorização da taxa de câmbio deverá resultar, pelo menos a curto prazo, numa elevação da rentabilidade das exportações, com um impacto positivo sobre estas pelo lado da oferta, provocando um deslocamento das vendas do mercado doméstico para o mercado externo. A médio e longo prazos, um aumento na rentabilidade do setor exportador também deverá provocar uma transferência de recursos para esse setor e um conseqüente aumento de sua capacidade de produção.

Considerando que o Brasil é um exportador marginal de manufaturados, com uma participação pequena no mercado internacional,⁷ as medidas de competitividade mais relevantes para analisar nosso desempenho comercial deverão ser as de custos relativos e de rentabilidade das exportações *vis-à-vis* o mercado doméstico.

⁶ Quando os países que estão sendo comparados exportam cestas de mercadorias muito diferentes, é possível que eventuais alterações nesses indicadores reflitam muito mais alterações nos preços relativos entre diferentes cestas exportadas do que propriamente alterações de competitividade.

⁷ Com exceção de alguns países da América Latina.

Nesta seção, construir-se-ão dois índices de competitividade:

a) Índice da taxa de câmbio efetiva real para a indústria (Θ_c)

Lato sensu, este índice é uma medida da evolução dos níveis de custos da indústria no resto do mundo, em comparação com a evolução dos custos da indústria no Brasil. A evolução desse índice vai depender basicamente da taxa de inflação no resto do mundo, da taxa de inflação no Brasil, da evolução da taxa de câmbio dos demais países em relação ao dólar e da nossa taxa de câmbio. Portanto, a competitividade do Brasil melhora, e cresce o potencial de suas exportações, quando a elevação dos preços no resto do mundo é superior à verificada no Brasil, ambos os preços denominados numa mesma moeda.

Assim, define-se:

$$\Theta_c = E \bar{P}^* / \bar{P}$$

sendo:

E = índice da taxa de câmbio;

\bar{P}^* = média ponderada⁸ dos índices de preços dos produtos industriais em dólares dos nossos principais parceiros comerciais;⁹ e

\bar{P} = índice de preços em cruzeiros da indústria no Brasil (coluna 26 – *Conjuntura Econômica*).

⁸ As ponderações utilizadas foram a participação de cada país nas exportações totais de manufaturados para esses países em 1971 (anos de 1971, 1972, 1973), 1974 (anos de 1974, 1975, 1976, 1977) e 1978 (anos de 1978, 1979, 1980, 1981). Para as séries trimestrais foram utilizadas as observadas em 1980.

⁹ Índices utilizados:

Estados Unidos, Japão, Bélgica e Chile: linha 63a – *International Financial Statistics*; e

França, Alemanha, Itália, Holanda, Espanha, Inglaterra, Argentina, México, Paraguai e Uruguai: linha 63 – *International Financial Statistics*.

b) Índice da rentabilidade das exportações de manufaturados (Θ_R)

Este índice nos dá uma medida da evolução da rentabilidade das exportações com relação às vendas para o mercado doméstico. A evolução desse índice depende diretamente do comportamento do índice de preços em dólares das exportações — que por sua vez deverá refletir não apenas variações nas cotações das moedas de nossos principais parceiros comerciais em relação ao dólar e o comportamento dos índices de preços desses países, como também variações nos preços relativos da cesta de produtos manufaturados exportada pelo Brasil —, da nossa taxa de câmbio, do nível de subsídios e da evolução dos preços domésticos.

Assim, define-se:

$$\Theta_R = \frac{P_x^* E (1 + s)}{\bar{P}}$$

sendo:

P_x^* = índice de preço em dólares das nossas exportações (coluna 19 — *Conjuntura Econômica*); e

$1 + s$ = índice que reflete variações nos subsídios das exportações.¹⁰

4.2 — Resultados

4.2.1 — Dados anuais

A primeira coluna da Tabela 9 apresenta o índice da taxa de câmbio efetiva real para a indústria no período 1971/81. Este índice, que se aproxima de um índice de paridade do poder de compra, estaria indicando que o Brasil teve ganhos de competitividade no período, principalmente a partir de 1978, embora tenha havido uma queda bastante considerável em 1981.

¹⁰ Para o período 1971/78, obtido de Musalem (1981). Os dois últimos anos da série foram estimados por Braga e Markwald (1983).

TABELA 9

Índice da taxa efetiva real de câmbio
(1971 = 100,0)

Anos	$\frac{E}{\bar{P}} \cdot \bar{P}^*$	$\frac{\bar{P}^*}{\bar{P}_{USA}}$	$\frac{\bar{P}_{USA}}{\bar{P}/E}$
1971	100,0	100,0	100,0
1972	100,9	100,9	100,0
1973	110,1	114,4	96,2
1974	109,7	109,0	100,6
1975	105,4	101,5	103,9
1976	110,4	103,9	106,3
1977	110,5	102,1	108,2
1978	116,6	106,4	109,6
1979	132,9	112,5	118,1
1980	150,5	113,4	132,7
1981	128,7	104,7	122,9

FONTES: *Conjuntura Econômica* (FGV); *Boletim do Banco Central*; e *International Finance Statistics*, Vol. 1 (FMI).

Como foi dito anteriormente, este índice reflete basicamente variações dos índices de preços industriais no Brasil e no resto do mundo, das cotações das moedas de nossos principais parceiros em relação ao dólar e da taxa de câmbio brasileira.¹¹ Assim, é possível explicar as variações da taxa de câmbio efetiva real tanto através das variações na relação entre os índices de preços industriais em dólares de nossos principais parceiros e o índice de preços industriais americano (coluna 2 da Tabela 9), como por meio das variações na relação entre o índice de preços industriais nos Estados Unidos e o índice de preços industriais em dólares no Brasil (co-

¹¹ Observe-se que:

$$\theta_c = \frac{E}{\bar{P}} \cdot \bar{P}^* = \frac{\bar{P}^*}{\bar{P}_{USA}} \cdot \frac{\bar{P}_{USA}}{\bar{P}/E}$$

luna 3 da Tabela 9). Como se pode ver pela coluna 2 da Tabela 9, os ganhos de competitividade observados em 1973 são devidos basicamente à apreciação das moedas de nossos principais parceiros com relação ao dólar. Entre 1973 e 1977, a taxa de câmbio efetiva real mantém-se razoavelmente estável: se a média ponderada dos índices de preços industriais em dólares de nossos principais parceiros cresce abaixo ou à mesma taxa do índice americano, o índice de preços em dólares da indústria no Brasil cresce a taxas inferiores à observada nos Estados Unidos. Entre 1978 e 1980, observam-se expressivos ganhos de competitividade, decorrentes não apenas da apreciação das moedas de nossos principais parceiros em relação ao dólar, como também do fato de nosso índice de preços industriais em dólares ter crescido a taxas inferiores à observada nos Estados Unidos. Em 1981, no entanto, verifica-se uma apreciação acentuada da taxa de câmbio efetiva real para a indústria, devido tanto à desvalorização das moedas de nossos principais parceiros em relação ao dólar, como também ao fato de nosso índice de preços industriais em dólares ter crescido acima do índice de preços industriais americano.

Quando se considera a evolução do índice de rentabilidade das exportações com relação às vendas para o mercado doméstico, o seu comportamento ao longo do período mostra-se bastante diferente do comportamento do índice da taxa de câmbio efetiva real. Como se pode observar pela coluna 1 da Tabela 10, expressivos ganhos de competitividade no período são observados entre 1971 e 1974, quando a rentabilidade das exportações com relação às vendas para o mercado doméstico aumenta em 70%. Entre 1974 e 1980 esse índice, apesar de pequenas oscilações, permanece razoavelmente estável, observando-se, no entanto, uma queda significativa em 1981.

É possível explicar as variações do índice de rentabilidade das exportações com relação às vendas para o mercado doméstico a partir da evolução do nível de subsídios às exportações (coluna 2 da Tabela 10) e da relação entre o índice de preços das exportações em cruzeiros e o índice de preços domésticos (coluna 3 da Tabela 10).

Como se pode ver pelas colunas 2 e 3 da Tabela 10, essas variáveis afetam de forma diferente a rentabilidade das exportações conforme o período considerado. Entre 1970 e 1974, a elevação da ren-

tabilidade das exportações *vis-à-vis* as vendas para o mercado doméstico é explicada basicamente pela evolução favorável dos preços das exportações com relação aos preços domésticos, sendo pequenas as variações no nível dos subsídios. Entre 1974 e 1979, observa-se uma tendência de queda na relação entre o índice de preços em cruzeiros das exportações e o índice de preços domésticos, o que de certa forma é neutralizado por uma elevação dos subsídios às exportações.¹² Em 1980, apesar da elevação do preço das exportações com relação aos preços domésticos, a queda no nível dos subsídios¹³ não se refletiu numa elevação significativa da rentabilidade das exportações com relação às vendas para o mercado doméstico. A partir de 1981, apesar da restauração parcial do crédito-prêmio do IPI, a queda acentuada observada na relação $P_x^* E/P$ resultou numa redução substancial da rentabilidade das exportações.

Por outro lado, é possível explicar o comportamento da relação entre o índice de preços em cruzeiros das exportações e o índice de preços domésticos a partir da evolução da relação entre o índice de preços em dólares das exportações e a média ponderada dos índices de preços industriais em dólares de nossos principais parceiros (coluna 4 da Tabela 10) e da taxa de câmbio efetiva real (coluna 5 da Tabela 10).

Como se pode ver pelas colunas 4 e 5 da Tabela 10, a acentuada elevação na relação entre o índice de preços das exportações em cruzeiros e o índice de preços domésticos no período 1970/74 deve-se não apenas ao fato de os preços da cesta de produtos manufaturados exportada pelo Brasil terem crescido muito acima da média dos preços industriais de nossos parceiros [ver Cardoso e Dornbusch (1980)], como também a uma elevação da taxa de câmbio efetiva real. A partir de 1974, observa-se uma redução sistemática na relação entre o índice de preços em dólares das exportações e a

¹² Nesse período observa-se uma elevação dos subsídios financeiros às exportações, conseqüência não apenas do aumento na parcela financiada, como também da manutenção das taxas de juros nominais, apesar da aceleração da inflação.

¹³ Com a maxidesvalorização de dezembro de 1979 foi eliminado o crédito-prêmio do IPI, parcialmente restaurado em março de 1981.

TABELA 10

Índice da rentabilidade das exportações vis-à-vis as vendas para o mercado doméstico

(1971 = 100,0)

Anos	$\frac{P_x^* E}{\bar{P}} (1+s)$ (1)	$1 + s$ (2)	$\frac{P_x^* E}{\bar{P}}$ (3)	$\frac{P_x^*}{\bar{P}^*}$ (4)	$\frac{E}{\bar{P}} \cdot \bar{P}^*$ (5)
1971	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
1972	108,8	100,7	108,0	107,1	100,9
1973	139,7	102,0	137,0	124,6	110,1
1974	170,7	103,4	165,1	150,6	109,7
1975	167,3	110,3	151,7	143,9	105,4
1976	164,5	118,0	139,4	126,3	110,4
1977	172,9	116,3	148,7	134,5	110,5
1978	164,5	117,3	140,2	120,3	116,6
1979	169,7	113,2	149,9	112,8	132,9
1980	170,1	107,5	158,2	105,0	150,5
1981	147,4	113,1	130,3	101,3	128,7
1982 ^a	116,8

FONTES: As mesmas da Tabela 9.

^a Dados referentes ao primeiro semestre.

média ponderada dos índices de preços em dólares de nossos principais parceiros, o que em parte é compensado até 1980 por uma elevação seja da taxa de câmbio efetiva real, seja dos subsídios.

Em 1981 e no primeiro semestre de 1982, observa-se uma redução acentuada na relação entre o índice de preços em cruzeiros das exportações brasileiras e o índice de preços domésticos. Essa redução, como veremos a seguir, pode em grande parte ser atribuída à valorização da taxa de câmbio efetiva real, que resultou não apenas da valorização do cruzeiro em relação ao dólar, ocorrida após a maxidesvalorização de dezembro de 1979, como também da depreciação das moedas dos principais parceiros em relação ao dólar.

Resumidamente, pode-se dizer que a elevação da rentabilidade das exportações com relação às vendas para o mercado doméstico

ocorrida entre 1971 e 1974 pode, em grande parte, ser atribuída ao comportamento favorável dos preços da cesta de produtos manufaturados exportados pelo Brasil e, em menor grau, à política cambial e de subsídios às exportações. Entre 1974 e 1980, a rentabilidade das exportações com relação às vendas para o mercado doméstico permanece razoavelmente estável, apesar de pequenas oscilações. Nesse período, a relativa estabilidade desse índice deve-se à elevação da taxa de câmbio efetiva real e dos subsídios às exportações, que compensaram em parte a evolução desfavorável dos preços dos manufaturados exportados pelo Brasil no mercado internacional. Em 1981, o preço das exportações com relação ao preço doméstico cai acentuadamente, devido principalmente, como se verá a seguir, à valorização da nossa taxa de câmbio efetiva real, o que resultou em uma perda substancial de rentabilidade por parte do setor exportador.

4.2.2 — Dados trimestrais

Para analisar a evolução da competitividade das exportações a partir da maxidesvalorização do cruzeiro ocorrida em dezembro de 1979, foram construídos índices trimestrais da taxa de câmbio efetiva real para a indústria e da “rentabilidade” das exportações com relação às vendas para o mercado doméstico até o segundo trimestre de 1982, com base no primeiro trimestre de 1980. Na ausência de medidas que permitam captar alterações trimestrais no nível dos subsídios às exportações, o índice de “rentabilidade” das exportações com relação às vendas para o mercado doméstico, nesse caso, reflete apenas alterações de preços relativos.

Como podemos ver pela coluna 1 da Tabela 11, os ganhos de competitividade decorrentes da maxidesvalorização de dezembro de 1979 já haviam sido anulados no início de 1981, sendo que no segundo trimestre de 1982 teria sido necessária uma desvalorização do cruzeiro de 42% para repor a taxa de câmbio efetiva real ao nível do primeiro trimestre de 1980. A queda acentuada da taxa de câmbio efetiva real, que mais do que compensou a maxidesvalorização de dezembro de 1979, pode ser atribuída a dois fatores, como podemos verificar pelas colunas 2 e 3 da Tabela 11, que apresentam,

TABELA 11

Índice da taxa de câmbio efetiva real
(1.º trimestre de 1980 = 100,0)

Anos	$\frac{E}{P} \cdot \bar{P}^*$	$\frac{\bar{P}^*}{\bar{P}_{USA}}$	$\frac{\bar{P}_{USA}}{\bar{P}/E}$
1980 I	100,0	100,0	100,0
II	95,0	100,5	94,6
III	88,2	102,7	85,8
IV	83,9	102,6	81,8
1981 I	79,4	99,1	80,1
II	75,5	91,8	82,3
III	75,6	90,7	83,3
IV	79,6	93,5	85,1
1982 I	74,6	88,7	84,0
II	70,2	87,4	80,0

FONTES: As mesmas da Tabela 9.

respectivamente, a evolução da média ponderada dos índices de preços industriais em dólares de nossos principais parceiros com relação ao índice de preços industriais americano e a evolução do índice de preços industriais dos Estados Unidos com relação ao índice de preços industriais do Brasil.

Ao longo de 1980, a redução da taxa de câmbio efetiva real pode ser atribuída basicamente ao fato de a desvalorização da taxa de câmbio ter sido inferior ao diferencial da inflação brasileira com relação à inflação americana, em virtude da prefixação da correção cambial muito abaixo da taxa de inflação. A partir do primeiro trimestre de 1981, a queda da taxa de câmbio efetiva real deve-se à desvalorização das moedas de nossos principais parceiros com relação ao dólar,¹⁴ tendo a desvalorização do cruzeiro em relação ao dólar

¹⁴ A relação entre a média ponderada dos índices de preços de nossos principais parceiros e o índice de preços americano não permite avaliar corretamente a desvalorização real das moedas dos demais parceiros com relação ao dólar, na medida em que inclui o índice de preços americano no numerador, com uma participação elevada.

acompanhado aproximadamente o diferencial da inflação brasileira e americana.

Dada a acentuada valorização da taxa de câmbio efetiva real no período, teria sido necessário um comportamento extremamente favorável dos preços relativos da cesta de produtos manufaturados exportada pelo Brasil para que este fenômeno não tivesse um impacto desfavorável sobre a rentabilidade de nossas exportações com relação às vendas para o mercado doméstico. De fato, no entanto, não foi o que ocorreu. Como podemos observar pela coluna 2 da Tabela 12, que apresenta a evolução do índice de preços em dólares das exportações deflacionado por um índice que reflete a média ponderada dos índices de preços industriais em dólares de nossos principais parceiros, a partir de 1981 o preço em dólares da cesta de produtos manufaturados exportada pelo Brasil cai com relação à evolução da média ponderada dos índices de preços em dólares de nossos principais parceiros, acentuando ainda mais a queda na rentabilidade das exportações devida à valorização de taxa de câmbio efetiva

TABELA 12

Evolução do índice de preços em cruzeiros das exportações de manufaturados vis-à-vis o índice de preços por atacado da indústria (1971 = 100,0)

Anos	$\frac{P_x^* E}{\bar{P}}$	$\frac{P_x^*}{\bar{P}^*}$	$\frac{E}{\bar{P}} \cdot \bar{P}^*$
1980 I	100,0	100,0	100,0
II	96,5	101,5	95,0
III	89,9	101,9	88,2
IV	86,0	102,4	83,9
1981 I	79,0	99,6	79,4
II	72,2	95,6	75,5
III	71,7	94,9	75,6
IV	67,9	85,3	79,6
1982 I	67,4	90,4	74,6
II	63,8	90,9	70,2

FONTES: As mesmas da Tabela 9.

real: desconsiderando-se alterações no nível dos subsídios às exportações, teria sido necessária, no segundo trimestre de 1982, uma desvalorização de 56,7% na nossa taxa de câmbio para que a rentabilidade das exportações com relação às vendas para o mercado doméstico atingisse o mesmo nível do primeiro trimestre de 1980.

Os índices trimestrais de "rentabilidade" das exportações mostram, portanto, que não apenas ao longo de 1980 praticamente se anularam os efeitos da má desvalorização de dezembro de 1979, como, ainda mais, a desvalorização das moedas de nossos principais parceiros em relação ao dólar e a queda nos preços de nossos produtos de exportação, quando comparadas à evolução dos preços industriais de nossos principais parceiros comerciais, resultaram em uma queda acentuada na "rentabilidade" das exportações *vis-à-vis* as vendas para o mercado doméstico.

4.3 — Competitividade e desempenho das exportações de manufaturados

Quando se compara a evolução do índice de rentabilidade das exportações de produtos manufaturados (Tabela 10) com a evolução da participação de nossas exportações de manufaturados nos mercados de nossos principais parceiros comerciais (Tabelas 7 e 8), fica clara a existência de alguma associação positiva entre ganhos de mercado e elevação da rentabilidade das exportações: é exatamente entre 1971 e 1974, quando a rentabilidade das exportações com relação às vendas para o mercado doméstico aumenta 70%, que a participação das exportações brasileiras no mercado americano passa de 0,325 para 0,875% e praticamente dobra nos demais países considerados, com exceção da Argentina. É verdade que entre 1974 e 1978, apesar da relativa estabilidade do índice de rentabilidade das exportações com relação às vendas para o mercado doméstico, observa-se ainda uma elevação na participação das exportações brasileiras de manufaturados nos mercados americano, europeu e dos países latino-americanos. No entanto, nos mercados americano e europeu esses ganhos são explicados exclusivamente pelo desempenho de produtos de metal e de máquinas, equipamentos e ma-

terial de transporte.¹⁵ Quando se compara a evolução da relação entre o índice de preços em cruzeiros das exportações de máquinas, equipamentos e material de transporte e o índice de preços por atacado do setor de bens de capital, o que se observa no período 1974/78 é que o índice de preços das exportações em cruzeiros cresce mais rapidamente do que o índice de preços por atacado

TABELA 13

Relação entre o índice de preços em cruzeiros das exportações de bens de capital e o índice de preços por atacado do setor

(1971 = 100,0)

Anos	$\frac{E P_K^*}{\bar{P}_K}$
1971	100,0
1972	100,8
1973	103,5
1974	112,4
1975	113,5
1976	121,8
1977	120,1
1978	115,9
1979	127,8
1980	143,4
1981	111,8
1982 ^a	107,0

FONTES: *Conjuntura Econômica e Boletim do Banco Central.*

^a Dados referentes ao primeiro semestre.

¹⁵ Para os demais grupos de produtos, nossa participação tende a se manter estável ou a cair.

nesse setor, o que estaria indicando que esse grupo de produtos teria ainda apresentado ganhos de competitividade entre 1974 e 1978.¹⁶

Entre 1978 e 1980, a participação das exportações brasileiras, tanto no mercado americano como no mercado europeu, mantém-se mais ou menos estável, tanto no nível agregado como no desagregado, a mesmo tempo em que também se observa uma certa estabilidade no índice de rentabilidade das exportações.

Esses resultados, portanto, viriam confirmar a importância da variável rentabilidade das exportações *vis-à-vis* o mercado doméstico como variável explicativa do desempenho comercial do País.

5 — Resumo e conclusões

Durante a década de 70 verificou-se uma acentuada diversificação das exportações brasileiras, tanto no que se refere a produtos como a mercados. Analisando-se a evolução da pauta ao longo do período, pode-se observar uma drástica alteração no sentido previsto pela teoria: a participação das exportações de produtos manufaturados eleva-se de 16% em 1971 para 38,9% em 1980.

Ainda dentre os manufaturados, os maiores ganhos verificam-se nos setores mais sofisticados tecnologicamente e/ou mais intensivos em capital, como máquinas, equipamentos e material de transporte e produtos de metal, que em 1980 já representavam, respectivamente, 17,4 e 6,1% de nossas exportações totais e 44,7 e 15,7% de nossas exportações de manufaturados.

Em termos de fluxos de comércio, observa-se uma certa desconcentração das exportações entre 1971 e 1974, com a redução da participação de mercados tradicionais, como os dos países considerados no total de nossas exportações. Considerando apenas os manufaturados, verifica-se entre 1971 e 1974 uma elevação na impor-

¹⁶ É também verdade, no entanto, que, apesar do crescimento desse índice entre 1978 e 1980, a nossa participação cai ligeiramente no mercado americano e mantém-se estável no mercado europeu.

tância relativa do mercado americano e uma redução bastante acentuada na participação de nossas exportações destinadas aos países latino-americanos, tendência esta que se inverte entre 1978 e 1980. Dentre os manufaturados, vale a pena ressaltar a importância crescente do mercado americano para máquinas, equipamentos e material de transporte nos anos iniciais e do mercado europeu entre 1974 e 1978, paralelamente a uma perda acentuada de importância do mercado latino-americano: enquanto em 1971 os principais parceiros latino-americanos absorviam 48,9% de nossas exportações deste item, em 1978 essa percentagem cai para 22,7%. Entre 1978 e 1980, a tendência inverte-se, diminuindo a participação dos Estados Unidos nas nossas exportações e aumentando a dos parceiros latino-americanos. Também com relação às exportações de produtos de metal verifica-se uma tendência semelhante, aumentando a importância relativa dos mercados americano e europeu, enquanto se observa uma queda na participação de nossas exportações destinadas aos principais mercados latino-americanos.

No período 1971/78, a taxa de crescimento das exportações brasileiras totais (exclusive combustíveis) foi superior à do comércio mundial. Desagregando por subperíodos, no entanto, observa-se que, em média, a taxa de crescimento foi mais elevada do que a do comércio mundial apenas para o subperíodo 1971/74, enquanto no subperíodo 1974/78 a taxa média anual de crescimento é praticamente idêntica à do comércio mundial.

O ótimo desempenho das exportações brasileiras entre 1971 e 1974 pode ser atribuído aos expressivos ganhos de mercado por parte do Brasil, que explicam no período 48,9% da taxa de crescimento das exportações totais e 70,6% da taxa de crescimento das exportações de manufaturados. Para o subperíodo 1974/78, quando as exportações totais crescem em média à mesma taxa do comércio mundial, o efeito "competitividade" explica apenas 18,1% da taxa de crescimento e é contrabalançado pelo efeito composição da pauta, que teve um impacto negativo sobre a taxa de crescimento, devido ao fato de nossas exportações estarem concentradas em produtos de lento crescimento no período. Com relação aos manufaturados, o efeito "competitividade" entre 1974 e 1978 ainda tem uma contribuição importante, porém muito inferior à observada entre 1971/74.

Apesar das altas taxas de crescimento das exportações dos produtos manufaturados no período, substancialmente mais elevadas que as do comércio mundial, a participação brasileira nos mercados americano e europeu, principalmente neste último, ainda era reduzida em 1980. Nos mercados dos principais parceiros da América Latina, no entanto, a participação das exportações brasileiras já em 1978 não pode ser considerada marginal, devendo ter-se elevado ainda mais nos anos recentes.

Quando analisamos em conjunto a evolução do índice de rentabilidade das exportações e a evolução da participação das exportações brasileiras de manufaturados nos mercados dos nossos principais parceiros, fica clara a existência de alguma associação entre ganhos de mercado e elevação da rentabilidade das exportações: é exatamente no subperíodo 1971/74, quando o índice de rentabilidade das exportações com relação às vendas para o mercado doméstico cresce expressivamente, que o Brasil aumenta de modo significativo a sua participação no comércio mundial de manufaturados. Se considerarmos, ainda, que é exatamente nesse subperíodo que não apenas o comércio mundial cresce a taxas bastante elevadas (mais de duas vezes a taxa média do subperíodo 1974/78), como também o setor industrial brasileiro encontrava-se operando com pequena margem de capacidade ociosa, fica ainda mais evidente o papel desempenhado pela elevação da rentabilidade das exportações na *performance* comercial do País.

A partir de 1979, a estratégia econômica posta em prática na maioria dos países desenvolvidos tem-se caracterizado pelo estabelecimento de políticas monetárias restritivas, objetivando reduzir a demanda interna e, assim, controlar a taxa de inflação e melhorar a balança de pagamentos via diminuição das importações e aumento das exportações. Como resultado dessas políticas, tem-se observado uma redução acentuada no nível da atividade econômica na maioria dos países industrializados.

Uma conseqüência desse fenômeno foi o estrangulamento externo hoje observado na quase totalidade dos países em desenvolvimento. A manutenção da mesma estratégia por parte dos países líderes sugere perspectivas de baixas taxas de crescimento dessas economias e, portanto, do comércio mundial a curto e médio prazos.

Desta forma, a possibilidade que se coloca para o Brasil de gerar saldos positivos elevados na balança comercial, via crescimento das exportações, seria a elevação da sua participação no comércio mundial. Tal objetivo exigiria uma política cambial orientada no sentido de elevar a competitividade do setor exportador.

Entretanto, isto não vinha ocorrendo nos últimos dois anos. Atrelada à necessidade de captação de recursos externos, a política cambial brasileira pós-1980 perseguiu o objetivo de reduzir os custos dos empréstimos em moeda estrangeira, daí resultando um significativo atraso cambial. Não fosse a existência de um crescente volume de subsídios variados, tanto creditícios quanto fiscais, a perda de competitividade do setor exportador teria sido ainda mais elevada nos anos recentes. Numa conjuntura de estreitamento geral de mercados, a política praticada até fevereiro de 1982 — atraso cambial e subsídios às exportações — tornava-se cada vez mais problemática, tanto pela possibilidade de retaliação por parte dos parceiros comerciais como por seu efeito sobre o aumento do *deficit* público. Considerando-se, ainda, que a situação era agravada pelo fato de o Brasil ter deixado de ser em muitos mercados um fornecedor de porte negligenciável e, portanto, com a sua política de promoção às exportações sob vigilância, restava a alternativa de uma política cambial ativa como forma de ganhar espaço no comércio internacional.

A maxidesvalorização do cruzeiro em relação ao dólar ocorrida em fevereiro de 1983, quando analisada *estritamente* do ponto de vista da competitividade das exportações brasileiras, foi uma medida necessária para promover uma alteração de preços relativos a favor do setor exportador, se se acredita que o desempenho das exportações, principalmente de manufaturados, está fortemente associado à rentabilidade das exportações *vis-à-vis* a rentabilidade das vendas para o mercado doméstico.

Por fim, com relação à magnitude da desvalorização (30%), esta parece ter sido suficiente para promover a competitividade dos produtos brasileiros no mercado internacional, quando se considera o desempenho das exportações no curto período posterior à maxidesvalorização.

Bibliografia

- BALASSA, B. A stages approach to comparative advantage. In: ADELMAN, Irma, ed. *Economic growth and resources*. Londres, Macmillan, 1979.
- BALDWIN, R. Determinants of trade and foreign investment: further evidence. *Review of Economics and Statistics*, 61 (1), fev. 1979.
- BRAGA, H. C., e MARKWALD, R. A. *Funções de oferta e de demanda de exportações de manufaturados no Brasil: estimação de um modelo simultâneo*. Mimeo. Rio de Janeiro, IPEA/INPES, 1983.
- CARDOSO, E., e DORNBUSCH, R. *Taxas de câmbio efetivas, nominais e reais: Brasil, 1959-78*. Texto para Discussão Interna, 25. Rio de Janeiro, IPEA/INPES, 1980.
- KRUEGER, Anne O. *Growth, distortions and patterns of trade among many countries*. Princeton Studies in International Finance, 40. 1977.
- MUSALEM, A. R. Política de subsídios e exportação de manufaturados. *Revista Brasileira de Economia*, 35 (1), jan./mar. 1981.
- RICHARDSON, J. D. Constant-market-shares analysis of export growth. *Journal of International Economics*, 1, maio 1971.

(Originais recebidos em maio de 1983. Revisitos em junho de 1983.)